

FALAS SOBRE JUVENTUDES, EM TEMPOS DE PANDEMIA: INTRODUÇÃO AO DISCURSO

Cristina Pereira Vieira

A resposta ao pedido de escrita de um prefácio é sempre um momento extraordinário de reflexão sobre o tema, ou os temas, que o livro oferece. Desta forma, é permitido incorporar-me das temáticas em discussão e estabelecer pontes de escrita com os/as leitores/as.

Ao longo deste livro, as diferentes temáticas e preocupações abordadas refletem, elas próprias, a evolução na abordagem conceptual de juventude. O livro apresenta um conjunto de reflexões, cujo dominador comum passa por pensar esta fase da vida como um produto específico da modernidade. Nomeadamente, porque o seu conhecimento, entendido tal como o percebemos hoje, é uma noção recente da sociedade contemporânea (Vieira, 2012).

A construção do conceito de juventude surge definido pela primeira vez por Stanley Hall (Hall 1916 (1904); 1931), em 1904, pensado enquanto objeto de estudo sobre a adolescência e representado como um período de "*tempestade e tormenta*". Para este autor, o diagnóstico das necessidades e dos problemas juvenis permitiriam uma facilitação da sua compreensão e consequentemente um acautelar dos erros na educação.

Erikson (1971) viria analisar a esta fase da vida à luz da conflitualidade de uma geração em relação ao meio e ao mundo dos adultos. Ou seja, o que percebemos é que a emergência de uma consciência social de juventude

decorre do momento em que os e as jovens passam a ser identificados/as como fazendo parte de uma “cultura”, distinguindo-os/as enquanto processo biológico e considerados/as como pertença a uma fase de vida inerente a uma crescente consciencialização de problemas e tensões, que lhe eram associados/as (Pais, 1993; 1996; 2001).

Durante todo este processo de construção e análise conceptual, fomos percebendo a existência de dois caminhos em paralelo. Por um lado, constrói-se uma noção de juventude que nos reporta para uma uniformidade de critérios que enforma um entendimento analítico associado ao conjunto de características e discursos homogéneos, que conferem ao conceito uma unidade de interesses e de problemáticas comuns. Por outro, emerge uma abordagem que coloca o foco de atenção sobretudo nas diferenças, num entendimento da persistência de existência de várias juventudes.

Na primeira forma de abordagem exploram-se os modos de ser e agir que atribuem critérios e necessidades entendidos como realidades universais, com base em fundamentos administrativos, exclusivamente biológicos (etários). Neste contexto, Bourdieu, (1980), vem contrariar esta noção ao demonstrar que estes factos são objeto de manipulação, construídos socialmente - ideia reforçada na afirmação de que *a juventude não era mais do que uma palavra*.

É com base nesta conceção de objeto manipulável e manipulador que a sociologia elimina o raciocínio da perspetiva universal de juventude, pensada enquanto categoria, com condutas homogéneas e centrada em dados indiscutíveis. Assim sendo, e a partir da ideia de que há uma diversidade de situações sociais, percebe-se que a aparente unidade de juventude surge subordinada a uma clara condição heterogénea, a uma

pluralidade de situações, ancorada às diversas trajetórias, tempos e espaços sociais, vividos a partir de valores e costumes simbólicos distintos (Levi & Schmitt, 1996a; Levi & Schmitt, 1996b).

Esta é também a ideia que ficamos ao folhear cada capítulo temático e até pelo entendimento dado pelo próprio título do livro, quando nos remete para um diálogo sobre juventudes – assumidamente pensando com um sentido plural.

É com base nesta heterogeneidade que somos conduzidos num tempo presente, a partir do contexto da América Latina, com destaque para a realidade brasileira, e que somos levados a percorrer as diferentes trajetórias juvenis, assentes em olhares do cotidiano.

Neste percurso somos confrontados com vários pensamentos sobre a relação dos e das jovens com as pessoas adultas, com as tecnologias e a partilha de saberes mútuos, com perspectiva de construção de um tempo futuro, refletido com base nos diferentes “Projetos de Vida”.

Numa revisitação aos caminhos futuros dos e das jovens destacamos a sua participação política, nomeadamente em ações coletivas como protagonistas na esfera pública, onde entre diferentes movimentos, vivem e partilham momentos de incerteza social e profissional – entre período de formação escolar, desemprego, e emprego, mas também entre estar em casa dos pais e a conquista de um espaço de independência.

Esta fragmentação entre as diferentes experiências, orienta os e as jovens para uma multiplicação de rotas. Nomeadamente, porque esta consciencialização das incertezas e a projeção do futuro levou a que os e as jovens criassem novas formas de se posicionarem na organização política e nos movimentos sociais - diferentes das gerações anteriores. O que se

percebe é que hoje, os e as jovens atuam politicamente na sociedade de forma mais horizontal, usando as tecnologias e agem a partir de uma organização “espontânea”, ocupando as ruas. No caso concreto da proteção ambiental, e a emergente sobrevivência do planeta, os movimentos dos mais jovens perspetivam a mudança e transformação social a partir do pressuposto que todas as pessoas fazem parte da natureza e não são exteriores a ela. Por isso mesmo, os e as jovens organizam-se, chamando atenção para uma destruição da vida em função de uma economia do lucro que corrompe o meio ambiente (Santos, 2020).

Os múltiplos discursos aqui em reflexão remetem, igualmente, para a existência de uma comunidade jovem que vai variando, entre outras questões, desde as sexualidades não normativas, às realidades étnico-raciais, à baixa escolaridade, à falta de acesso aos direitos fundamentais, à sobrevivência na periferia e à violência nas suas múltiplas formas. Ou seja, vamos cruzando com uma variedade de marcadores de desigualdade inerentes à condição de “Ser jovem”, reforçada frequentemente com reflexões de como as estruturas sociais influenciam a persistência das desigualdades e violências. Contudo, há uma espécie de combinação de ambiguidades, entre a razão e a vontade informada, onde percebemos como esta moderna sociedade, assimilada pelos/as jovens, assenta no conhecimento entre a cultura e a tradição que os/as prende a atitudes e valores hegemónicos, e entre razão informada, que abre espaço para o sentido de mudança, nas múltiplas formas de se ser humano (Vieira, 2020).

Ao longo do livro, percebe-se igualmente que as diferentes discussões vão assumindo consenso a partir da ideia de que se trata de um objeto de estudo que assenta no facto de ser uma categoria social de definição

complexa ou instável (Gauthier, 2000). Até porque do ponto do indivíduo, os múltiplos sentidos associados à juventude, subsistem na ideia de jovem como alguém em processo de construção (inacabado) e esta ideia reforça a complexidade da análise conceptualmente.

Esta complexidade remete-nos para a necessidade dos e das pesquisadores/as continuarem a dirigir a lente para este objeto de estudo, por forma a criar bases de sustentação para uma intervenção dos agentes nos diferentes contextos sociais.

Como nota final, gostaria de reforçar que todo este debate foi feito num contexto muito particular da atual organização social, enquadrado numa época que designo como “Tempos de pandemia” (Vieira & Duarte, 2021). No momento de escrita deste livro a pandemia Covid 19 é uma realidade presente - que se espera que seja de passagem, sem uma permanência longa. Tempos de pandemia que emerge como uma realidade de exceção, como um acontecimento associado a um tempo repentino de contágio súbito, inesperado e ligado a uma consequente perda de controlo. Neste pesado momento de vulnerabilidade, os e as jovens, que em muitas situações já estavam em situação de exclusão antes, veem agora a sua situação agravada através de um conjunto de mecanismos ativos resultantes da pandemia, que condiciona e agrava as múltiplas desigualdades a que estão sujeitos/as. Tal como mostram os diferentes estudos (Branquinho, Santos & Gaspar de Matos, 2020), os e as jovens, sujeitos/as a uma pressão na gestão do quotidiano e com significativas dificuldades durante esta crise pandémica, manifestam preocupação com os impactos da pandemia na sua geração.

São também estes jovens do designado conceito *Sul epistemológico*, de Boaventura de Sousa Santos, frequentemente vítimas de diferentes

discriminações (Santos, 2020) - um conceito que não está associado ao espaço geográfico, mas antes ao espaço-tempo político, social e cultural, que assume “a metáfora do sofrimento humano” provocado pela exploração capitalista (Santos, 2019). O contexto do *Sul epistemológico*, quando conjugado com aspetos como saúde, economia e comunidade social (em particular os e as jovens pertença a grupos que sofrem de uma especial vulnerabilidade) torna o enfrentamento da pandemia como algo particularmente difícil (Vieira & Duarte, 2021).

É neste contexto que os e as pesquisadores deste livro alertam para a necessidade de se manter o foco neste novo ciclo e dar continuidade a esta reflexão, por forma a perceber como irão ficar estes jovens num futuro próximo, na época Pós-pandemia.

REFERÊNCIAS

- Branquinho, C. ; Santos, A. & Gaspar de Matos, M. (2020). *A COVID-19 e a Voz dos Adolescentes e Jovens em Confinamento Social* PSICOLOGIA, SAÚDE & DOENÇAS, 2020, 21(3), 624-632 - ISSN - 2182-8407. Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde - DOI:<http://dx.doi.org/10.15309/20psd210307>.
- Bourdieu, P. (1980), “La jeunesse n’est qu’un mot”, in Pierre Bourdieu (Ed.), *Questions de sociologie*, Paris, Editions de Minuit, pp. 143-154.
- Erikson, E.H. (1971). *Infância e Sociedade*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.

Gauthier, M. (2000), “L’âge des jeunes: ‘un fait social instable’ “, *Lien Social et Politiques* (43), 23-32.

Hall, G. S. (1916 [1904]), *Adolescence its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education*, New York/London, D. Appleton.

_ (1931).*Adolescence*, New York and London, D. Appleton and Company.

Levi, G. and Schmitt, J.-C. (1996a), *Histoire des Jeunesen Occident - de l'antiquité à l'époquemoderne*, Paris, Éditions du Seuil.

_ (1996b), *Histoire des Jeunesen Occident - l'epoquecontemporaine*, Paris, Éditions du Seuil.

Pais, J.M. (1993), *Culturas Juvenis* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Edition), Lisboa.

_ (1996).*Culturas Juvenis*,Liasboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

_ (2001).*Ganchos, tachos e biscates*. Lisboa, Ambar.

Santos , B. de S. (2019), *O fim do império cognitivo. A afirmação das epistemologias do sul*. Coimbra: Almedina

_ (2020). *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra. Edições Almedina.

Santos, B. S. (1989), *Introdução a uma ciência pós-moderna*, Porto Edições Afrontamento.

Vieira, C. P., (2012). *Eu faço sexo amoroso- A sexualidade dos jovens pela voz dos Próprios*, Lisboa, Editorial Bizâncio.

_ (2020). Portuguese Youth's Discourses On Masculinity: Broken Silences. In Enguix, B. & Vieira, C .P. (Eds). *Sexualities, Gender And Violence: A View From The Iberian Peninsula* (113-128). Nova Science Publishers. (ISBN: 978-1-53618-173-9)

Vieira, C. P.; Duarte, M. (2021). Tempos de pandemia: é uma questão de género - Pensar a Intervenção Social nas desigualdades estruturais em épocas de crise. FIALHO, J. (org). *Manual para a intervenção social. Da teoria à ação*. Lisboa: Edições Sílabo. (ISBN: 978-989-561-187-4).

Cristina Pereira Vieira é Doutora em Sociologia. Professora e Pesquisadora da Universidade Aberta, em Portugal.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5494-5371>